



ARTIGOS - ARTICLES

Realismo literário e experiência moderna no início do século XX: reflexões a partir da obra proustiana¹

Paulo Rodrigo Andrade Haiduke²
Universidade Estadual do Centro-Oeste (PR)
paulohaiduke@unicentro.br

Como citar este artigo: HAIDUKE, P. R. A. “Realismo literário e experiência moderna no início do século XX: reflexões a partir da obra proustiana”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, n° 12, pp. 43-67. 2021. Disponível em <http://revistas.usp.br/revistaintelligere>. Acesso em dd/mm/aaaa.

Resumo: o presente artigo busca problematizar o romance *A la recherche du temps perdu*, obra do escritor francês Marcel Proust (1871-1922) publicada originalmente em Paris entre 1913 e 1927. A abordagem aqui proposta busca discutir alguns elementos do que podemos chamar de realismo desta obra, tentando fazer um diálogo com questões que foram importantes para a modernidade no início do século XX. Partindo da deflagração da crise de identidade e identificação como elemento importante neste contexto, o trabalho analisa como a obra proustiana buscou analisar e também construir ideais para sua respectiva superação. Neste sentido, o reencontro de si pela reminiscência parece ter sido importante, e inclusive sugere a forma pela qual o romance proustiano tentou conciliar as realidades externa e subjetiva, entre tempo físico e temporalidade vivida. Por fim, o artigo busca apontar como a noção de memória involuntária funciona como sinal de realismo, indicando através da leitura da obra de Marcel Proust e de alguns exemplos de sua recepção para a atenção grande nesta conjuntura às dimensões temporais das estruturas e processos que formariam uma realidade supostamente mais profunda.

Palavras-chave: Marcel Proust, realismo, experiência moderna, literatura moderna, recepção.

¹ Este texto resulta da reelaboração, adaptação e síntese do quinto capítulo da Tese de doutorado em História defendida pelo autor em 2013 na UFPR, financiada pela CAPES. A reformulação do texto se deu exclusivamente para enquadrá-lo em formato de artigo conforme as normas desta revista, e neste sentido ele se manteve em sua grande maioria fiel ao conteúdo do texto original de 2013.

² Professor Adjunto no Departamento de História (UNCENTRO-PR) desde 2020. Possui mestrado (2009) e doutorado (2013) em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Trabalha com História e Literatura, articulando Intelectuais, Imprensa, Leitura e Recepção, atualmente através da entrada da obra de Marcel Proust no Brasil.

lattes: <http://lattes.cnpq.br/6355666020730731>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4894-1737>

*Literary realism and modern experience in the early 20th century:
reflections from Proustian work*

Abstract: This article seeks to problematize the novel *A la recherche du temps perdu*, a work by the French writer Marcel Proust (1871-1922) originally published in Paris between 1913 and 1927. The approach proposed here seeks to discuss some elements of what we can call the realism of this work, trying to make a dialogue with issues that were important to modernity in the early twentieth century. Starting from the outbreak of the identity and identification crisis as an important element in this context, the work analyzes how the Proustian work sought to analyze and also build ideals for its respective overcoming. In this sense, the re-encounter of oneself through reminiscence seems to have been important, and even suggests the way in which the Proustian novel tried to reconcile the external and subjective realities, between physical time and lived temporality. Finally, the article seeks to point out how the notion of involuntary memory works as a sign of realism, indicating through reading the work of Marcel Proust and some examples of its reception for the great attention in this context to the temporal dimensions of the structures and processes that would form a supposedly deeper reality.

Keywords: Marcel Proust, realism, modern experience, modern literature, reception.

Hoje considerada uma obra que pode ser denominada como um clássico da literatura ocidental do século XX, *A la recherche du temps perdu*³ veio originalmente à público de maneira discreta em 1913, quando então seu escritor Marcel Proust, sem muito sucesso em emplacar a publicação do primeiro volume do romance entre alguns editores, acabou por bancar as custas de *Du côté de chez Swann*. O ciclo romanesco proustiano, recém iniciado com o lançamento do primeiro volume, teve sua continuação no mínimo adiada com o desencadeamento dos eventos em 1914.

De fato, os diversos outros volumes que vieram à luz entre 1919 e 1927, e que assim fecharam o conjunto que ficou monumentalizado como a *Recherche*, mostraram no desenvolvimento de temas e enredos que a longa duração e ampla abrangência da Grande Guerra acabaram por interferir não apenas na publicação subsequente da obra, mas também na escrita proustiana e no desenvolvimento interno do romance. O leitor crítico pode e deve estar aberto à diversidade dos sentidos e leituras que uma construção literária tão complexa como essa abre de potencial, mas não pode negar que de alguma forma ela se apropriou do evento histórico que ficou conhecido como Primeira Guerra Mundial.

De qualquer forma, é certo que desde seu lançamento a obra proustiana teve (e mais uma vez aqui) muitas leituras, análises e interpretações. Entre toda essa grande e diversa exegese proustiana dificilmente, porém, alguém negaria que em alguma medida e dimensão é possível atribuir um sentido de *busca por algo supostamente perdido*, como o próprio título da *Recherche* logo denota. Somando isto a uma abordagem da obra como espécie de romance de formação, pode-se destacar assim inicialmente como o romance proustiano tematiza uma sensação de crise e descrença presentes na modernidade do início do século XX. Tentarei ao longo deste artigo refletir como esse aspecto da obra, dramatizado principalmente na trajetória do protagonista da obra em seu anseio por se tornar um artista moderno, funciona como uma base do realismo proustiano.

³ A partir daqui também referida somente como *Recherche*.

Em obra que busca fazer um balanço contemporâneo sobre as relações entre o historiador e a literatura, Judith Lyon-Caen e Dinah Ribard indicam como o realismo literário tem sido um campo fértil para os historiadores. As autoras partem, neste caso, da abordagem de Eric Auerbach em seu clássico *Mimesis*, onde o autor aponta o engajamento com a descrição da realidade como uma das bases da literatura moderna a partir do século XVIII (LYON-CAEN e RIBARD, 2010, p. 15-18). De fato, a construção de espaços sociais e culturais, e sua ambientação dentro de processos e fatos históricos de durações diversas, têm oferecido aos historiadores ricas oportunidades de reflexão através da literatura.

Explorando um pouco mais este debate, seria interessante aqui refletir sobre as chamadas fórmulas geradoras que Pierre Bourdieu (2005) destaca em relação à produção do campo literário. Creio que a exploração dessas fórmulas geradoras da obra, bases do realismo construído pelo autor em questão, são fundamentais para entender elementos comuns compartilhados por contemporâneos em relação às suas experiências, sobretudo se levarmos em conta que a obra proustiana teve, ainda no fim da década de 1910, e mais ao longo da década de 1920, grande repercussão na França. Repercussão significa recepção e apropriação, e isso se deve em parte à efetivação de pactos entre leitor e escritor, acordos fundamentais para que uma obra literária se realize de fato através e alcance o público.

Desta forma, pretendo sugerir como os elementos mobilizados pelo autor para construir sua base realista na *Recherche*, na busca para realizar aquilo que Pierre Bourdieu (2005) chama de efeito de real necessário à efetivação do pacto com o leitor, são ricos objetos para refletir sobre a experiência moderna neste contexto das primeiras décadas do século XX na França.

Esse debate *epistemológico* sobre o realismo proustiano, como apontado anteriormente, pode ser iniciado pela leitura da sua obra através da perspectiva de perda e busca, que é indissociável de uma sensação de crise. Ao longo do desenvolvimento do ciclo romanesco, o leitor encontra o protagonista da *Recherche*, que é também seu narrador, ambientado na construção literária de toda uma cultura e sociedade historicamente localizada neste final do século XIX e início do XX. E neste espaço, são muitas as situações em que o narrador se ocupa da reflexão sobre uma sensação de crise de identificação e descrença com a realidade exterior, momentos em que expressa assim uma incompatibilidade entre sua vida subjetiva e o mundo externo. Como resposta ao impasse, o protagonista opta pela primazia da vida interior, o que nos leva às discussões sobre o lugar do individualismo neste contexto, tal como Jacques Le Rider (1993) destacou sua centralidade na modernidade vienense do final do Longo Século XIX.

Embora profundamente questionado e criticado como elemento das crises culturais da época, o individualismo apareceu também como alternativa e possibilidade de superação dos problemas desta modernidade. Conforme Ian Watt (1990), o individualismo foi um dos pilares essenciais pelo qual o romance se consolidou e alcançou sucesso como gênero literário desde o século XVIII. Contudo, o criticismo intrínseco ao romance moderno exigiu de seus escritores sintonia sucessiva com as novas questões surgidas pela crescente modernização e seu encontro com estruturas tradicionais de maior duração histórica, atitude esta sem a qual o gênero literário correria o risco de perder seu efeito de real e credibilidade perante o público.

Esta sensação de incapacidade de identificação com a realidade aparece na *Recherche* através do narrador proustiano e sua constatação, análise e transcrição pela obra de uma incongruência entre a realidade vivida e observada, e os ideais sonhados e fantasiados. O romance é assim permeado quase que integralmente pela constante dialética entre idealização e choque de realidade, que lega ao seu protagonista uma crescente sensação de desencantamento pelo mundo.

É recorrente na *Recherche* a idealização por parte do narrador-protagonista de algo que lhe cause interesse, mas que ele não conhece pessoalmente; disto decorre a consequente insatisfação que o personagem sofre ao ter diante de si o referente daquela sua idealização precedente, que nunca é compatível. Porém, este processo pressupõe um ato anterior de sua parte, pois sua idealização só é devidamente efetivada quando houve a prévia crença no valor e prestígio do objeto ou ser idealizado. E embora num primeiro momento esta crença surja como possibilidade do narrador para integrar-se ao mundo, ela não escapa da posterior deflagração de seu fetichismo, o que novamente lança o narrador à sensação de desencanto. Assim, as mudanças na realidade material bem como na sociedade e na cultura, que podemos ver causadas neste contexto pelos processos de modernização, aparecem de forma intermitente para destruir os vínculos que o narrador-protagonista constantemente busca criar para se integrar no mundo como, por exemplo, no trecho em que critica já mais velho os carros da época e os modos de vestir da moda de então (PROUST, 1914, p. 521)⁴.

A constante desintegração das crenças produzidas e alimentadas pelo narrador, que se deflagra através do impacto com a incontornável e fluída realidade moderna através da passagem do tempo e da vida, acaba por minar sua capacidade de dar realidade ao mundo exterior que lhe circunda:

E exatamente porque eu acreditava nas coisas, nos seres, quando percorria aqueles caminhos, é que as coisas e os seres que eles me deram a conhecer são os únicos que ainda tomo a sério e ainda me proporcionam alegria. Ou porque a fé que cria se haja estancado em mim, ou porque a realidade só se forme na memória, as flores que hoje me mostram pela primeira vez não me parecem flores de verdade (PROUST, 1971, p. 111).⁵

Desta forma, romancistas atentos e em sintonia com suas épocas e seus principais problemas culturais não se imiscuíram de tomá-los como seus objetos, como fez Marcel Proust quando criou através de seu narrador-protagonista uma espécie de personagem paradigmática de algumas questões extremamente agudas da sua própria

⁴ O primeiro volume da *Recherche* veio a público em 1913, embora conste oficialmente na publicação original o ano de 1914. A tese que gerou esse artigo usou as primeiras edições dos volumes da *Recherche* publicadas na França entre 1913 e 1927. Para não deixar este artigo muito carregado com longas citações em francês e suas respectivas traduções, e para facilitar a consulta, optei pelas paráfrases na maioria das situações e, em casos imprescindíveis, citações diretas da primeira tradução publicada no Brasil entre 1948 e 1957, lançada pela Livraria do Globo, sediada então em Porto Alegre. Assim, as referências no texto indicam esta tradução brasileira (não necessariamente em suas primeiras edições), com uma respectiva nota de rodapé apontando o ano da publicação original na França.

⁵ Original de 1913.

época, ou seja, o período entre 1871, o imediato pós-Guerra Franco Prussiana, até a década de 1920, após a Grande Guerra. Ao dramatizar esta crise moderna de identificação com a realidade em seu narrador, Proust lançou mão de uma estratégia de persuasão de seu público contemporâneo, que ao menos em parte se identificava com estes mesmos problemas. Portanto, colocar em xeque a realidade contemporânea e sua imediata sintonia com os sujeitos que ali levavam suas vidas foi praticamente um método e pressuposto epistemológico pelo qual o escritor anunciava sua dúvida, compartilhada por parte do público em potencial da época, com qualquer identificação automática com o mundo.

Segundo Jean-Yves Tadié, o romance no século XX utilizou diversas formas e graus de identificação entre escritor, narrador e leitor. Nesta perspectiva, a narrativa em primeira pessoa surgiu como possibilidade de dramatizar um imaginário vivido, e permitiu no caso de Proust um discurso analítico com maior liberdade que a terceira pessoa por ser menos comprometido com a pura objetividade. O mais importante em se reter destas questões destacadas por Tadié é que esta forma de discurso em primeira pessoa, pelo qual a enunciação passa a invadir o próprio enunciado, não destruiu a ficção romanesca, e sim possibilitou ao leitor que se identificasse mais intimamente com o narrador do romance. (TADIÉ, 1990, p. 13).

A escolha da forma narrativa tem importância crucial para o efeito que a mesma causa ou busca causar no público. E ela não diz respeito unicamente à escolha da voz narrativa, mas à própria implicação que isto tem dentro do romance. Segundo Wayne Booth, há uma distinção básica entre um narrador que é dramatizado dentro do romance e outro que não está implicado diretamente na trama. No caso da *Recherche*, o narrador não é apenas dramatizado por Proust, mas aparece como o próprio centro gravitacional de toda trama. Logo, segundo as próprias palavras de Booth, deve-se atentar para a questão crucial da dramatização ou não do narrador da obra literária analisada (1980, p. 167).

Seguindo as análises de Booth, podemos abordar a *Recherche* como obra construída em torno de um agente narrador, que toma consciência de sua própria formação em escritor ao longo do romance que lemos, ou seja, a obra se funda através da dramatização do próprio devir do narrador em escritor. Contudo, conforme afirma Walter Benjamin em seu famoso ensaio *A Imagem de Proust*, original de 1929 (1994, p. 36-49), esta narrativa não busca uma suposta objetividade em busca da representação de uma vida tal como foi vivida; ela tem como questão principal a recuperação retrospectiva, pelo sujeito reminiscente, de sua vida recordada.

Portanto, esta vida lembrada e relembrada, de maneira a criar o material e a própria trama do romance, aparece cada vez com mais força como uma das alternativas possíveis para resistir à sensação de crescente desestabilização dos laços e vínculos entre sujeito e realidade nesta modernidade. Esta leitura da época, como conjuntura de vivências de crise e decadência, teve uma espécie de grande confirmação nas primeiras décadas do século XX, quando a Grande Guerra pareceu então comprovar os juízos apocalípticos da modernidade.

Contudo, deve ser destacado aqui que, embora questionada constantemente pelo narrador proustiano, a realidade exterior não é negada por ele em última e derr-

deira instância. Sua obra parte antes de uma dúvida que concerne ao questionamento, e conseqüente discussão, de quais as verdadeiras capacidades dos saberes humanos vigentes (entendendo as artes e a própria literatura neste sentido). Seu objetivo parece assim muito mais voltado à crítica e negação de toda e qualquer imparcialidade no processo de apreensão e compreensão da realidade, e a valorização do papel da subjetividade e da vida íntima e sentimental neste processo.

De qualquer maneira, esta insatisfação advinda da sensação crescente de desligamento do mundo exterior não deixa de criar no narrador proustiano um impulso no sentido de buscar, criar e encontrar uma realidade passível de identificação e apaziguamento. E esta foi justamente uma das vias pelas quais ele se fiou cada vez mais naquela realidade fornecida pelas produções artísticas, mais especificamente o romance. Conforme destaca Daniel-Rops em *Notes sur le réalisme de Proust*, na edição especial em homenagem à Proust da revista *Le Rouge et le Noir* de abril de 1928, e que expressa uma visão dos contemporâneos, a arte surge na *Recherche* como a única garantia do valor objetivo do conhecimento, como única forma de encontrar seu objeto na realidade (DANIEL-ROPS, 1928, p. 16).

Isto explica em parte a crença do ainda jovem narrador na verdade e realidade do livro que, graças à sua vontade de saber e sua busca pela verdade, tendências estas que tiveram grande e crescente influência nesta conjuntura, incita-o a desejar e erigir uma espécie de metafísica moderna da arte e do belo. Pois segundo o narrador as artes não seriam apenas vias para acessar o mundo real, mas constituiriam em si mesmas uma espécie de realidade que lhe parece mais profunda e verdadeira:

O meu maior desejo era ver uma tempestade no mar, não tanto como um belo espetáculo, mas como a revelação de um instante da verdadeira vida da natureza; ou antes, para mim só eram belos os espetáculos que eu sabia não terem sido artificialmente arranjados para me agradar, mas que eram necessários e imutáveis – a beleza das paisagens ou das grandes obras de arte. Apenas tinha curiosidade e avidez daquilo que julgava mais verdadeiro que o meu próprio ser, aquilo que tinha para mim o valor de me mostrar um pouco do pensamento de um grande gênio, ou da força ou graça da natureza, tal qual se manifesta quando entregue a si mesma sem intervenção humana. (PROUST, 1979, p. 223).⁶

A literatura surge assim como uma atividade privilegiada aos olhos do narrador, não apenas por possibilitar a revelação e o conhecimento mais profundo do mundo, mas principalmente por possibilitar um sentido para a própria vida dramatizada nele, que é também o protagonista.

⁶ Original de 1913.

Como já dito inicialmente, próprio título *À la recherche du temps perdu* sugere um impulso no sentido de recuperar uma parcela da realidade em geral, sondável na própria vida do narrador, que poderia localizá-lo dentro do mundo moderno, o que deflagra sua intenção de conquistar uma espécie de reconciliação. O tempo perdido aqui não deve ser entendido somente no sentido nostalgicamente restrito de uma vida que passou e que não volta mais, mas também como passado enterrado porque esquecido, porém, passível de ainda ser resgatado.

Segundo Jacques Le Rider, a busca do sujeito pela reconstituição de sua vida, através de uma autobiografia conquistada retrospectivamente, foi uma das principais possibilidades pela qual os modernos vienenses do final do século XIX e início do XX ensaiaram lograr o reencontro consigo mesmo. Tentativa de reconstrução esta que é extremamente próxima aos preceitos da vertente da psicologia surgida na época, a psicanálise de Sigmund Freud. Logo, a redescoberta do tempo perdido surge como saída para um indivíduo moderno que se sente assolado pelo individualismo e separado do mundo, alternativa assim para uma identificação com uma realidade mais abrangente e coletiva. Visto o aprofundamento histórico e social da obra já sugerido, esta reconquista da história individual deverá inexoravelmente inscrever-se em realidades sociais e culturais passadas e presentes mais abrangentes que possam reintegrar o indivíduo.

Disto deriva um alargamento da noção de sujeito, que aparece para o narrador proustiano como uma alternativa à literatura descritiva presumidamente realista:

a literatura que se cifra a ‘descrever as coisas’, a fixar-lhes secamente as linhas e superfícies, é, apesar de denominar-se realista, a mais afastada da realidade, a que mais nos empobrece e entristece, pois corta bruscamente toda comunicação de nosso eu presente com o passado, do qual as coisas guardavam a essência, e com o futuro, onde elas nos incitam a de novo gozá-lo. (PROUST, 1981, p. 134)⁷

Porém, não se deve ignorar que esta sensação de crise foi também utilizada inúmeras vezes pelos artistas modernistas como uma fase necessária para a descoberta de uma realidade mais profunda e verdadeira. E foi este mesmo amalgama inseparável entre crise e superação que tornou a literatura uma espécie de ideal derradeiro ao narrador proustiano. Ao estilhaçar as noções estáveis de realidade e sujeito, o lado modernista de Proust voltou-se para toda uma camada de relações espaciais e temporais que, de maneira cada vez mais inquestionável, mostravam-se como formadoras do mundo:

Uma hora não é apenas uma hora, é um vaso repleto de perfumes, de sons, de projetos e de climas. O que chama-

⁷ Original de 1927.

mos realidade é uma determinada relação entre sensações e lembranças a nos envolverem simultaneamente – relação suprimida pela simples visão cinematográfica, que se afasta tanto mais da realidade quanto mais se lhe pretende limitar – relação única que o escritor precisa encontrar a fim de unir-lhe para sempre na sua frase os dois termos diferentes. (PROUST, 1981, p. 137)⁸

E dentre as forças formadoras destas condições das relações, Marcel Proust deu ao elemento temporal um papel principal. Em resposta à noção de sujeito determinado espacialmente e de maneira definitiva, o narrador proustiano propõe um ser que ocupa lugar crescente no tempo, saturado e pesado pelo acúmulo do tempo (PROUST, 1927, p. 257-58).

Esta proposição do escritor como veículo da redenção, pela conciliação entre o individual e coletivo, remete ao novo papel do artista neste contexto como espécie de mediador moderno da transcendência (HAIDUKE, 2014a). De qualquer forma, até a revelação derradeira em *Le Temps Retrouvé*, volume que fechou o ciclo romanesco e onde a arte aparece como sagrado elemento transfigurador, o narrador põe em questão todas as possibilidades de superação da sua perda da capacidade de identificação, inclusive esta suposta supremacia das artes em geral, e da literatura em específico.

Segundo Jacques Le Rider, estudando o caso vienense, esta crise pode ser compreendida como uma regressão do indivíduo aos momentos preliminares de construção da identidade, o que explica as contestações e dúvidas em relação à consolidação do indivíduo (LE RIDER, 1993, p. 71). Esta tendência cultural foi marcante nesta época não apenas em Viena, mas em outras grandes metrópoles da Europa Ocidental, e ela pode ser relacionada com o próprio advento da psicanálise e da confessional e intimista literatura:

As análises de Paul Ricoeur em *Tempo e Narrativa* nos apresentam a constituição da identidade como uma operação narrativa. O indivíduo identifica-se com aquilo que conta a respeito de si mesmo e com o que os outros dizem a seu respeito. [...] A autobiografia e o diário íntimo são as duas maiores formas literárias da construção da identidade através da narrativa, desta “autoficção” que também opera na cura psicanalista. (LE RIDER, 1993, p. 72).

Deve-se destacar aqui que a confissão operou ao longo do século XIX como constante discursiva na literatura, segundo Foucault (2001).

⁸ Original de 1927.

É nesta direção que Marcel Proust seguiu para propor sua alternativa realista. Pois sua representação literária da realidade parte do pressuposto que o mundo objetivo só é passível de apreensão através da subjetividade do indivíduo que entra em relação com ele: “só podemos, com a crença de que elas possuem uma existência própria, dar a certas coisas que vemos uma alma que guardam em seguida e que desenvolvem em nós.” (PROUST, 1990, P. 104).⁹ E o meio mais eficaz para realizar isto de maneira legítima, autêntica e convincente na *Recherche* seria um entendimento da arte como forma de reencantamento da realidade. Logo, a arte se tornou por fim seu verdadeiro ideal porque o narrador vê nela a possibilidade de resgatar uma realidade incólume à ferida da crise, e por isso passível de uma relação e identificação mais verdadeira.

Desta maneira, a *Recherche* aparece fundada através de uma noção de obra de arte que buscaria um ideal de reconciliação com o mundo, e teria a missão de com isto legar uma realidade à posteridade. E embora o narrador proustiano expresse abertamente que esta verdade seria algo eterno, o perspicaz escritor Proust não deixou, contudo, de atentar para as supostas contingências do contexto que a permeariam. Por isso ele acabou por tentar cristalizar as particularidades mais efêmeras das coisas e pessoas, suas experiências, impressões e sentimentos que no fundo seriam também as expressões de uma realidade histórica cada vez mais distanciada, apagada e esquecida pela ação do tempo (PROUST, 1979).¹⁰ Segundo Walter Benjamin, “*A la recherche du temps perdu* é a tentativa interminável de galvanizar toda uma vida com o máximo de consciência.” (1994, p. 46).

Não por acaso isso pode levar à interpretação da *Recherche* como sendo também um monumento aos mortos de um passado cada vez mais longínquo em virtude do inexorável movimento temporal, como uma tentativa de parar por um instante o Anjo da História de Walter Benjamin (1994, p. 226), para que ele recolha os corpos e histórias que jazem diante dele, e assim possa ser o elo com outras épocas e lugares.

De fato, a grande saída do narrador através de sua realização pela obra de arte é a reconquista de uma realidade intrínseca ao seu próprio ser e sua trajetória, na tentativa de superar a crise de identidade pelo resgate do seu processo de formação. Em um dos seus livros publicados no final do século XIX, Friedrich Nietzsche afirmou que a situação moderna obrigava os indivíduos à incessantemente se depararem justamente com este problema:

Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem. (2001, p. 230)

⁹ Original de 1919. Na bibliografia, o original está referenciado como 1918, ano citado na edição. Contudo, a obra só veio a público de fato em 1919.

¹⁰ Original de 1913.

No momento em que a *Recherche* se engaja nestas questões culturais da época que dizem respeito à desintegração e reconstrução das identidades individuais e coletivas, ela retoma exatamente esta tendência destacada por Nietzsche:

Os dias antigos recobrem pouco a pouco aqueles que os precederam, e eles próprios se sepultam por baixo dos que se lhes seguem. Mas, cada dia antigo permanece depositado em nós, como, numa imensa biblioteca onde há livros mais antigos, certo exemplar que sem dúvida ninguém consultará nunca. Entretanto, basta que esse dia antigo, atravessando a translucidez das épocas seguintes, remonte à superfície e se estenda sobre nós, cobrindo-nos inteiramente, para que, por um momento, os nomes retomem sua antiga significação, as pessoas seu antigo rosto, nós nossa alma de então, e sintamos, com um sofrimento vago mas tornado suportável e que não vai durar muito, os problemas há tanto tempo insolúveis, e que de tal modo nos angustiavam então. Nosso eu é edificado pela superposição de estados sucessivos. (PROUST, 1956, p. 98-99).¹¹

Experimentava uma sensação de imenso cansaço ao verificar que todo esse tempo tão longo não só fora, sem interrupção, vivido, pensado, segredo por mim, era minha vida, era eu mesmo, como ainda o devia incessantemente manter preso a mim, pois me sustentava, eu me via jungido a seu cimo vertiginoso, não me podia locomover sem comigo o deslocar. (PROUST, 1981, p. 250).¹²

As citações acima expressam a concepção de sujeito intrinsecamente histórico, que não pode se separar de seu passado ao custo de com isto deixar de ser quem ele veio a se tornar. De fato, esta parece ter sido uma tendência crescente ao longo do século XIX que teria atingido um momento decisivo neste contexto das primeiras décadas do século XX.

Neste mesmo contexto, em texto original de 1903, Georg Simmel afirmou que uma pesquisa que estivesse de fato engajada em entender a vida moderna não poderia imiscuir-se da análise e compreensão do processo de formação do sujeito em sua relação com a conjuntura específica onde isto tinha lugar:

Uma investigação que penetre no significado íntimo da vida especificamente moderna e seus produtos, que penetre na

¹¹ Original de 1925.

¹² Original de 1927.

alma do corpo cultural, por assim dizer, deve buscar resolver a equação que estruturas como a metrópole dispõem entre os conteúdos individual e superindividual da vida. Tal investigação deve responder à pergunta de como a personalidade se acomoda nos ajustamentos às forças externas. (1967, p. 14)

Esta busca dos elementos e processos da própria formação, que na literatura pode se traduzir em uma espécie de *autobiografia ficcional*, por mais contraditória que essa noção pareça, esteve ligada ao advento crescente de um aspecto da vida moderna que foi constantemente destacada (e criticada) na época. Logo, a solidão, elemento este indissociável do advento da vida privada e da intimidade na época, aparece como um árduo caminho pelo qual aqueles que almejam tornarem-se artistas deverão doravante passar:

Enquanto mamãe lia na praia, eu ficava sozinho em meu quarto. Recordava os últimos tempos da vida de minha avó e tudo quanto a eles se reportava, a porta da escadaria, que se conservava aberta quando tínhamos saído para o nosso último passeio. Em contraste com tudo aquilo, o resto do mundo apenas parecia real, e meu sofrimento o envenenava por inteiro. (PROUST, 2008. p. 209-210)¹³

Este trecho mostra que o processo de reencontro partia aqui de uma prática solitária de rememoração. E ao longo do romance proustiano, vemos que o narrador terá que realizar uma tarefa para cumprir sua vocação de artista: de maneira impreterível, cedo ou tarde deverá abandonar a alta sociedade ardentemente desejada e vivida por ele, para apenas na solidão sair de seu casulo e bater suas asas de romancista. O futuro escritor poderá até retornar à sociedade, mas estará prevenido de um distanciamento quase científico que lhe possibilitará a observação e coleta de material à obra em gestação.

Isto também expressa outra dimensão destas recordações e reminiscências que formam a base do romance proustiano, a presença nelas de seres, situações, impressões e coisas *a priori* e aparentemente externas ao indivíduo. Pois a *Recherche* alcança a redescoberta através de marcas e impressões deixadas no indivíduo ao longo de sua vida por diversos seres e situações:

Certo, considerando unicamente nossos corações, não errou o poeta ao falar dos fios misteriosos cortados pela vida.

¹³ Original de 1922. Sobre o advento moderno da vida privada, ver ARIÈS, 1991, pp. 7-19. Acerca da intimização da sociedade moderna, ver SENNETT, 1999.

Mas é ainda mais verdadeiro que ela os tece sem cessar entre os seres, entre os sucessos, que os entrecruza e redobra a fim de reforçar a trama, tanto que, entre o mínimo ponto de nosso passo e todos os outros, uma rede riquíssima de lembranças nos oferece larga escolha de vias de comunicação. (PROUST, 1981, p. 238)¹⁴

Retornamos aqui ao destaque crescente do elemento temporal como explicativo da realidade externa e humana, como certa base do realismo moderno. Porém, este contexto expressa paralelamente uma sensação de dúvida pela qual este elemento histórico não parecia completamente mesurável e, portanto, controlável.

Em uma conferência proferida em 2 de fevereiro de 1927, parte do imenso corpo documental que forma a recepção contemporânea à publicação original da *Recherche* entre 1913-27, Gaston Rageot destacou que Proust mostrava em sua obra o que uma personagem de romance fazia quando não estava sendo romanesca. Desta forma, ele destacou que a análise do sujeito operada pela *Recherche* deflagrava que este não existiria no presente, mas antes num processo temporal mais abrangente formado pelo passado e futuro. Embora Rageot destaque que isto estava na contramão da tradição romancista, entende a obra como mais realista justamente por ser mais sincera para com a realidade, justamente por não apresentar suas personagens previamente, fazendo elas aparecerem sem informações preliminares. Logo, o romance deste não romancista aparece como obra mais realista porque apresentaria as personagens ao leitor com os olhos de quem vê, e não de quem conhece previamente. (RAGEOT, 1927, p. 336-349).

O mais interessante, entretanto, é o que Gaston Rageot conclui disso tudo: que no fundo seus contemporâneos não sabiam observar e se identificar efetivamente com este passado que mesmo sendo presente, não era sentido pelos sujeitos (1927, p. 347). E aqui a sugerida contramão da obra de Proust se converte em signo positivo, pois é vista pelo crítico como privilegiada forma de observação e representação, justamente por destacar e realisticamente apresentar o elemento temporal da vida humana.

Assim, a sinceridade destacada acima como método literário leva a *Recherche* a oferecer ao leitor aspectos posteriormente deflagrados como falsos, mas que foram muitas vezes mais cruciais ainda às personagens que os sentiram. Há aqui um elemento em certa medida muito próximo do impressionismo oitocentista francês, que através das artes plásticas valorizou os efeitos ilusionistas como formadores da própria realidade dos indivíduos. Como esta obra é também uma espécie de tratado acerca da estética literária, vemos ao longo dela repetidas defesas de um juízo estético muito próximo daqueles pintores:

¹⁴ Original de 1927.

Acontece que a Sra. de Sévigné, como Elstir, como Dostoi-evski, em vez de apresentar as coisas na ordem lógica, isto é, começando pela causa, nos mostra primeiro o efeito, a ilusão que nos impressiona. É assim que Dostoi-evski apresenta as suas personagens. As ações deles se nos mostram tão enganadoras quanto aqueles efeitos de Elstir onde o mar parece estar no céu. Ficamos admirados de saber que um certo sonso é excelente, ou ao contrário. (PROUST, 1954, p. 324)¹⁵

Auguste Laget destacou justamente isto em seu livro de 1925, afirmando que Proust buscava registrar a impressão no momento de emergência na vida do sujeito, quando seria ainda preliminar a qualquer hábito ou consciência (LAGET, 1925)

Desde a época de sua publicação, desenvolveu-se uma imensa massa documental discutindo se de fato o romance proustiano era ou não uma autobiografia. E se por um lado há elementos que possam fundamentar esta interpretação, é inegável a intenção e a própria recepção dela enquanto obra ficcional. Podemos dizer assim que a *Recherche* buscou representar uma autobiografia de maneira ficcional, na qual o narrador assumiu perante o leitor uma exigência de autoanálise sincera e minuciosa. (PROUST, 1981, p. 61)

Novamente emerge a questão do uso voluntário da crise de identidade pelo modernismo literário como ponto de partida para a recuperação da própria história individual. Processo que aparece também como proposta de superação da própria crise, como maneira de reificar novamente a realidade por meio da ligação entre o isolado indivíduo e as realidades de maior abrangência e duração. Segundo Jacques Le Rider, a busca por esta nova sensibilidade mais afinada à modernidade e aos seus respectivos problemas foi recorrente neste contexto:

Aqueles que sofreram do choque do “eu insalvável” que caracteriza a modernidade, segundo Mach e Freud, aspiram a uma solução “dionisíaca”. Estão buscando aquilo que o herói de Robert Musil chama de “outro estado”, que coloca o Eu em comunicação com o Todo, que passa da constatação do fracasso inexorável do “indivíduo” à tentativa de “reconciliação na Totalidade”. Em primeiro lugar, isto significa a totalidade de si mesmo: essa forma de “reconciliação” não é, no fundo, nada mais que a radicalização do individualismo. (LE RIDER, 1993, p. 79)

Vemos assim no último volume da *Recherche*, *Le Temps Retrouvé*, a repetição constante de que o objetivo do narrador, finalmente em sua conversão romancista, é

¹⁵ Original de 1923.

compreender as pessoas a partir da imensa dimensão temporal que forma suas vidas. E foi este comprometimento com a realidade temporal da vida que deu um grande destaque a esta obra como romance moderno e realista naquela conjuntura, a ponto de Edmond Jaloux afirmar que até então nenhum monumento comparável havia sido elevado a esta luta entre espírito humano e tempo. (1923, p. 161-177)

Muito se discutiu entre os primeiros leitores e comentadores da *Recherche* sobre as relações entre este romance e a filosofia de Henri Bergson, assunto que rende títulos de livros e artigos até hoje. O ganhador do prêmio Nobel de literatura e escritor acerca das relações entre a memória e a matéria foi senão o principal, sem dúvida um dos filósofos mais influentes na França da Terceira República. As teorias de Bergson davam grande valor à intuição como método de apreensão da realidade, além de destacar a atuação da memória e do tempo subjetivo e interior como relevantes nos processos de percepção da realidade.¹⁶

A evocação aqui da aproximação da obra de Proust com Bergson não deixa de aludir às outras analogias feitas de seu romance com eminências do pensamento contemporâneo europeu, como Sigmund Freud e o próprio Albert Einstein. De fato, críticos e comentadores da *Recherche* destacaram repetidas vezes que a noção de memória involuntária do romance tinha raízes em Bergson; que sua visão da psicologia humana era devedora das teorias do psicanalista austríaco; enquanto suas noções de tempo estariam vinculadas às mais vanguardistas teorias da física da época de Albert Einstein.

Daniel-Rops foi um dos que aproximou na época a obra de Proust tanto de Henri Bergson e suas reflexões sobre a memória, quanto de Sigmund Freud e suas teorias sobre o inconsciente: ele ocuparia assim um lugar intermediário entre essas duas tendências em sua suposta concepção de inconsciente. (DANIEL-ROPS, 1927, p. 108)¹⁷

Roger Peltier, após discutir brevemente a metafísica do tempo em Einstein e Bergson, conclui que a sensação que as pessoas podem ter do tempo depende do talento e do gênio. Peltier parte ali do princípio segundo o qual o elemento temporal é a mais implacável entidade e a realidade menos negligenciável. Logo, o grande diferencial da *Recherche* viria justamente do talento proustiano em tratar da dimensão temporal da realidade (PELTIER, 1922, p. 249).

Camille Vettard, em carta publicada pela *Nouvelle Revue Française* em agosto de 1922, faz analogias sobre Einstein e Proust, e como eles mostrariam cada qual um mundo novo. Seu texto chega a afirmar que o universo da *Recherche* seria análogo ao proposto pela teoria da relatividade de Einstein, em quatro dimensões, abrangendo até os decimais do tempo mais negligenciados até então (VETTARD, 1922, p. 246-252).

¹⁶ Para uma visão mais abrangente do lugar de Bergson nesta conjuntura, ver: BRADBURY, 1989; WEBER, 1989; e WILSON, 1993.

¹⁷ Um dos estudos mais famosos sobre a aproximação de Proust à Freud na época são as conferências de Jacques Rivière proferidas em 1924, chamadas *Quelques progrès dans l'étude du cœur humain (Freud et Proust)*. Nelas, é insinuado que o sucesso da psicanálise de Freud na França só foi possível graças ao que podemos chamar de aclimatação que a obra proustiana teria possibilitado (RIVIÈRE, 1926). É importante destacar que Rivière foi quem editou a parte póstuma da *Recherche* junto ao irmão de Proust.

Marcel Proust não só buscou apurar profundamente a sua visão e noção da realidade temporal do mundo, como tornou isto um objeto de análise. Aquilo que foi, segundo afirmação de Eric Auerbach, a base do realismo moderno, aparece neste momento crucial para sua história, no início do século XX, como tema central e necessário. Auerbach inclusive também destaca a tentativa de remeter este tratamento modernista do tempo às doutrinas filosóficas contemporâneas, o que acabamos de mostrar nos exemplos de comparação de Proust e outros contemporâneos ilustres (AUERBACH, 1976, p. 484).

Segundo Auerbach, de uma maneira inédita e surpreendente, o contraste entre curto acontecimento exterior e a riqueza dos processos da consciência passou a ser ressaltado pela literatura no início do século XX:

Trata-se, com estas duas digressões, de tentativas de esquadrihar uma realidade mais genuína, mais profunda e de fato mais real; (...) O que é essencial é que um acontecimento exterior insignificante libera ideias e cadeias de ideias, que abandonam o seu presente para se movimentarem livremente nas profundidades temporais. (AUERBACH, 1976, p. 487)

Neste ponto, podemos aproximar questões já colocadas anteriormente sobre as crises de identidade nesta conjuntura e as tentativas de superação que o próprio realismo literário parece sugerir. No caso da *Recherche* proustiana, a busca e redescoberta que configuram a obra, o resgate da história individual do narrador e protagonista, tudo isso desemboca como resultado desta elaboração mais apurada do contraste entre tempo interior e exterior.¹⁸

Desta forma, Auerbach vê neste contexto do modernismo, marcado por escritores como James Joyce e Virgínia Woolf, um acontecimento dentro da história do realismo literário. Para ele, Proust teria sido: “o primeiro que levou a cabo algo semelhante de forma coerente, e toda a sua forma de proceder está atada ao reencontro da realidade perdida na memória, liberada por um acontecimento exteriormente insignificante e aparentemente casual.” (AUERBACH, 1976, p. 487-488)

Mas a perspectiva de Proust, em seu anseio realista, não ignora a exposta falha e incompletude de qualquer perspectiva humana. Sua visão parece assim fundar-se no que Marcio Noronha considera o grande embate temático desta literatura moderna, entre a percepção humana subjetiva falha e o tempo como realidade exterior inacessível (NORONHA, 2006, p. 61). E de fato, parece ser a exposição desta temporalidade subjetiva e passível de falhas e equívocos como tal, e supostamente não mascarada pelo posterior processo de elaboração e compreensão racional e consciente, uma dimensão fundamental da *Recherche*. Isto ao ponto de ter possibilitado um efeito de real

¹⁸ Em outro artigo, discuti como esses aspectos do realismo na obra de Proust foram cruciais para sua apropriação como um escritor modernista pelos contemporâneos do lançamento original dos volumes que compõem o ciclo romanesco. Ver: (HAIDUKE, 2014b).

perante o público justamente por meio da declaração dos seus possíveis limites, ou seja, através desta sensação de crise e incapacidade de apreender a realidade.

Esta busca do narrador pelo reencontro de partes da realidade de sua história individual colocou as questões acerca da memória num plano de destaque nesta época. Segundo Jacques Le Rider, parte desta modernidade literária acreditava numa interpretação do gênio artístico como ser dotado de uma capacidade excepcional de recordar e transcrever sua autobiografia (LE RIDER, 1993, p. 97-98).

A memória surgia assim como um depósito e reserva das experiências vividas formadoras do indivíduo, e também como local de possibilidade do resgate e reencontro. Contudo, a *Recherche* parte de uma teoria específica da memória segundo a qual sua verdadeira realidade jamais seria acessada por um ato voluntário e consciente de recordação, mas sim através de uma misteriosa, secreta e contingente reminiscência involuntária. Contingente porque dependeria de uma casualidade física que a desencadeasse:

É assim com o nosso passado. Trabalho perdido procurar evocá-lo, todos os esforços da nossa inteligência permanecem inúteis. Está ele oculto, fora do seu domínio e do alcance, nalgum objeto material (na sensação que nos daria esse objeto material) que nós nem suspeitamos. Esse objeto, só do acaso depende que o encontremos antes de morrer, ou que não o encontremos nunca. (PROUST, 1979, p. 31)¹⁹

Daí a tão famosa Madeleine mergulhada no chá, o acontecimento no início da obra que desencadeia a lembrança de toda uma vida até então esquecida. Logo, a realidade mais profunda do tempo estaria exclusivamente nesta imensa e voluntariamente insondável memória inconsciente. Assim, a suposta falha humana em acessar de forma consciente e voluntária a memória verdadeira se converte aqui num atributo positivo, pois esta limitação teria também preservado um repositório de reminiscências considerado muito mais autêntico.

Esta teoria da memória tal como construída e apresentada pela *Recherche* liga-se de maneira crucial com as questões de crise de identidade na modernidade já reiteradas aqui. Pois ela surge como resposta ao narrador, protagonista este que não se identificava mais com seu presente num momento em que estaria mais velho, e que se ligava ainda nostalgicamente ao seu passado de formação. Porém, ao procurar voluntariamente um passado mais verdadeiro, o narrador esbarrava com o que era para ele um problema epistemológico central: o autoengano operado pela nossa memória consciente. Segundo esta noção, esquecemos coisas e eventos através de uma espécie de economia idealizadora das reminiscências do sujeito:

¹⁹ Original de 1913.

A imagem de nossa amada, ainda que a julguemos antiga e autêntica, foi muitas vezes retocada por nós. E a cruel recordação não é contemporânea dessa imagem restaurada, mas pertence a outra época; é um dos poucos testemunhos de um passado monstruoso. Mas como esse passado continua a existir, exceto em nós mesmos, porque nos aprouve substituí-lo por uma maravilhosa idade de ouro, por um paraíso onde todo o mundo se reconciliou, as recordações e as cartas são um aviso da realidade, e com a dor que nos causam devem fazer-nos sentir o quanto nos afastaram dela as loucas esperanças de nosso anelo cotidiano. (PROUST, 1990, p. 181)²⁰

Neste sentido, o narrador proustiano crê na falsidade de nossa vida consciente advinda de um processo de idealização da realidade. Sua função, portanto, se quer de fato encontrar a memória verdadeira, deverá ser criar doravante condições pelas quais desencadeie estas epifanias pelas quais emergem as redes de reminiscências subterrâneas, e assim possa explorá-las através da sua criação literária. Somente assim será possível reencontrar o tempo perdido, nesta memória incompleta e fragmentaria devido aos próprios processos temporais posteriores, e seus jogos de recordação e esquecimento:

A memória, em vez de um exemplar em duplicata, sempre presente aos nossos olhos, dos diversos acontecimentos de nossa vida, é antes um abismo donde por um momento uma similitude nos permite sacar, ressuscitadas, reminiscências extintas; mas há mil pequeninos fatos que não caíram nessa virtualidade da memória, e que escaparão para sempre à nossa verificação. (PROUST, 1954, p. 122)²¹

Logo, além de ser dependente de acontecimentos físicos incontrolláveis e contingentes para eclodir, esta memória involuntária não é garantia de encontrar a verdade plena e definitiva, pois também foi criada através de processos muitas vezes acidentais. Mas ainda assim isso faz dela algo mais confiável para o narrador, pois quando de alguma maneira os obstáculos supracitados são superados, surge então a chance de uma retomada:

Eis por que a maior parte da nossa memória está fora de nós, numa viração de chuva, num cheiro de quarto fechado ou no cheiro de uma primeira labareda, em toda parte onde

²⁰ Original de 1919.

²¹ Original de 1923.

encontramos de nós mesmos o que a nossa inteligência desdenhara, por não lhe achar utilidade, a última reserva do passado, a melhor, aquela que, quando todas as nossas lágrimas parecem estancadas, ainda sabe fazer-nos chorar. Fora de nós? Em nós, para melhor dizer, mas oculta a nossos próprios olhares, num esquecimento mais ou menos prolongado. Graças tão-somente a esse olvido é que podemos de tempos a tempos reencontrar o ser que fomos, colocarmo-nos perante as coisas como o estava aquele ser, sofrer de novo porque não mais somos nós, mas ele, e porque ele amava o que nos é agora indiferente. (PROUST, 1990, p. 196).²²

Para René Lalou, em *Histoire de la littérature française contemporaine* de 1925, cada época e sociedade possuiria crenças e parâmetros específicos segundo os quais ela conceberia os parâmetros da realidade. De fato, esta conjuntura da publicação original da obra de Proust na França, sobretudo a década de 1920, véspera imediata do próprio surgimento dos *Annales*, parece ver aumentada a demanda pela atenção à realidade histórica do mundo. Parte paradoxalmente suspeita da realidade, que seria uma das principais dimensões do mundo apreensível em geral, ao mesmo tempo em que apareceria como uma realidade extremamente difusa e de difícil apreensão. Mas de qualquer forma, como afirma Antoine Compagnon, esta teoria de Proust parte da crença que o passado persiste ainda nas pequenas coisas presentes, ideia esta que o eminente pesquisador da *Recherche* afirma fazer parte da atmosfera da época (COMPAGNON, 1992, p. 965). De fato, uma justificação do conhecimento histórico pelos *Annales* se fez justamente pelo entendimento da existência de identificações entre passado e presente.

Voltemos aqui ao já citado artigo de Daniel-Rops que tomava por objeto o realismo literário proustiano em 1928, na homenagem da *Le Rouge et le Noir*. Criticando comentadores identificados como teóricos católicos que teriam julgado negativamente a *Recherche* e suas influências nas novas gerações, na literatura e cultura francesas (críticos estes como Henri Massis que acusava a literatura da década de 1920 pela busca infrutífera pelo objeto perdido), Daniel-Rops afirma que o elemento tempo não fez com que o romancista perdesse sua base de realidade ou seu objeto. Logo, o realismo proustiano é entendido como testemunho documentado e uma interpretação autêntica da realidade, sem intervenção da memória voluntária nem da razão. (DANIEL-ROPS, 1928).²³

É desta interpretação mais verdadeira da vida, através da minuciosa análise do tempo e das reminiscências renascidas da memória involuntária, que surge na *Recherche* a promessa de reintegração na realidade e superação assim da crise de identificação

²² Original de 1919.

²³ Daniel-Rops afirma entender este realismo em três sentidos: estético, ontológico e como teoria geral de conhecimento. Neste sentido, ele afirma que se preocupa com o realismo de Proust no sentido da teoria do conhecimento, partindo do suposto axioma de Mallarmé que as coisas existem (1928, p. 20).

moderna. E é ainda mais surpreendente, porque o narrador do romance, seu protagonista principal, faz disto a própria base para aquilo que viria a ser sua criação literária:

compreendi que a matéria da obra literária era, afinal, a minha vida passada; que tudo me viera nos divertimentos frívolos, na indolência, na ternura, na dor, e eu acumulara como semente os alimentos de que se nutrirá a planta, sem adivinhar-lhe o destino nem a sobrevivência (PROUST, 1981, p. 145).²⁴

Este destaque à vida passada impressa em sua memória involuntária e no ser mais profundo acaba por deflagrar outras temporalidades de maior abrangência que teriam sido intrínsecas à vida do narrador, o que o insere em processos temporais de maior duração. O que o leva também a vislumbrar este processo de narração de sua vida como inseparável das especificidades da época e do local em que ela teve lugar.

Pois esta verdade e este eu buscado numa outra realidade mais profunda e inconsciente não pode ser dissociada da conjuntura espacial e temporal de sua vida. É o que Marcio Noronha considera uma das principais novidades deste modernismo:

Há um amálgama textual que redesenha e reposiciona o lugar do personagem, o lugar da paisagem, o lugar do contexto, deslocando a narrativa numa apreensão mais abrangente das formas assumidas pela temporalidade, pela espacialidade e pela territorialidade e seus deslocamentos espaço-temporais. (NORONHA, 2006, p. 60)

Esta discussão remete ao que já destaquei em outra situação²⁵, que o modernismo de Proust aparece talvez de maneira mais clara em sua proposta, e recepção como tal, de uma nova sensibilidade para apreender facetas incógnitas até então das visões de mundo estabelecidas: “ao sujeito moderno é exigida a experiência de aceder uma percepção simultânea – (...) – de uma continuidade do Tempo só capturada na descontinuidade da temporalidade humana.” (NORONHA, 2006, p. 65) Márcio Noronha vê na obra de Proust justamente a inauguração desta paisagem literária marcada por várias temporalidades simultâneas e enlaçadas no Tempo como personagem principal.

O ideal de artista desejado pelo narrador proustiano se cristaliza no criador que teria a capacidade de refletir a sua vida, e o mundo dela indissociável, da maneira mais apurada possível no que concerne às suas facetas temporais. Logo, a memória involuntária inverte a crise de identificação, mostrando como há realidades indissociá-

²⁴ Original de 1927.

²⁵ Ver: (HAIDUKE, 2014b).

veis do indivíduo, como no caso em que a falecida avó do narrador ressurgiu como se fosse dos mortos:

O ser que vinha em meu socorro e que me salvava a aridez da alma, era aquele que, vários anos antes, num momento de angústia e solidão idênticas, num momento em que eu não tinha mais nada de mim, havia entrado e me devolvera a mim mesmo, pois era eu e mais do que eu [...]. Acabava de perceber, em minha memória, inclinado sobre o meu cansaço, o rosto terno, preocupado e decepcionado de minha avó, não daquela que eu me espantara e censurara de lamentar tão pouco e que de seu apenas tinha o nome, mas da minha avó verdadeira, cuja realidade viva eu tomava a encontrar pela primeira vez, numa recordação involuntária e completa, desde que ela tivera um ataque nos Campos Elísios. Essa realidade não existe para nós enquanto não foi recriada pelo nosso pensamento; [...] Mas se for recuperado o quadro de sensações em que estão conservadas, têm elas por sua vez esse mesmo poder de expulsar tudo quanto lhes é incompatível, de instalar sozinho em nós o eu que as viveu. (PROUST, 2008, p. 192-193)²⁶

Ao final da *Recherche*, quando o narrador toma consciência de maneira incontornável de sua vocação literária através da expressão de sua vida pela memória involuntária, ele também se dá conta da inexorável realidade do Tempo no mundo. Ao se dirigir até uma festa num salão da alta sociedade parisiense do pós-Grande Guerra, da nova Princesa de Guermantes, o narrador revê diversas personagens que povoaram todo o romance e fizeram parte de sua vida até ali. Porém, uma sensação de não reconhecimento e estranhamento, devido aos seus longos anos de distanciamento desta mesma sociedade, ataca-o. Sensação esta que deflagra a realidade do tempo através de sua passagem por meio do envelhecimento das pessoas, nesta festa que aparece como:

Um teatro de bonecos envoltos nas cores imateriais dos anos, personificando o Tempo, o Tempo ordinariamente invisível, que, para deixar de sê-lo, vive à cata de corpos e, mal os encontra, logo deles se apodera a fim de exhibir a sua lanterna mágica. (PROUST, 1981, p. 162)²⁷

Assim, o último volume da *Recherche* é marcado por uma dupla revelação que parece negar-se reciprocamente; pois a descoberta do narrador de sua vocação literária

²⁶ Original de 1922.

²⁷ Original de 1927.

como aquele que oferece a verdade de sua memória involuntária por meio de uma obra de arte, que aparece como algo menos perecível e mais metafísico e eterno, é seguida da sua imediata negação por meio da crua e implacável evidência da realidade do tempo: “eu verificava essa ação destrutiva do Tempo precisamente quando me propunha a evidenciar, intelectualizar numa obra de arte as realidades extratemporais.” (PROUST, 1981, p. 167)²⁸

O fim deste drama do narrador em sua autodescoberta como artista é a afirmação e aceitação por parte dele desta realidade temporal:

Se ao menos me fosse concedido um prazo para terminar minha obra, eu não deixaria de lhe imprimir o cunho desse Tempo cuja noção se me impunha hoje com tamanho vigor, e, ao risco de fazê-los parecer seres monstruosos, mostraria os homens ocupando no Tempo um lugar muito mais considerável do que o tão restrito a eles reservado no espaço, um lugar, ao contrário, desmesurado, pois à semelhança de gigantes, tocam simultaneamente, imersos nos anos, todas as épocas de suas vidas, tão distantes – entre as quais tantos dias cabem – no Tempo. (PROUST, 1981, p. 251)²⁹

Tempo este materializado também em toda sua contingência dada pelas especificidades das condições e situações da vida em uma dada época e local específicos:

Mas o modo fortuito, inevitável por que surgira a sensação constituía justamente uma prova da verdade do passado que ressuscitava, das imagens que desencadeava, pois percebemos seu esforço para aflorar à luz, sentimos a alegria do real recapturado (PROUST, 1981, p. 130)³⁰

Richard Sennett avalia negativamente este processo histórico pelo qual teria passado a sociedade durante o século XIX, e suas respectivas formas de produção cultural. Ele considera que isto levou à crescente consolidação da arte como pura apresentação de individualidades:

Podemos facilmente imaginar exemplos dessa mesma incivilidade na vida intelectual e literária, como naquelas auto-

²⁸ Original de 1927.

²⁹ Original de 1927.

³⁰ Original de 1927.

biografias ou biografias que desnudam compulsivamente cada detalhe dos gostos sexuais, hábitos de dinheiro e fraquezas de caráter de seus sujeitos, como se devêssemos entender melhor a vida, os escritos e as ações no mundo dessa pessoa através da exposição de seus segredos. (SENNETT, 1990, p. 324)

Contudo, esta crítica de Sennett não desmente o fato de que autores como Proust operaram suas obras visando uma análise e apreensão mais minuciosa de outros estados da subjetividade que guardariam aspectos da história individual e da realidade como um todo. Conforme destaca Pierre Chazel em *Foi et Vie* de agosto de 1925, Proust busca em si mesmo o mundo real, através da crença de que a única realidade que vivemos é aquela que podemos reviver através das reminiscências (CHAZEL, 1925, p. 793-801).

Em um artigo do final da década de 1930, o romancista Alfred Döblin destacava que o verdadeiro escritor de romances históricos era aquele que conseguia unir-se em íntima relação com uma determinada realidade e experiência social:

E se um determinado fato histórico lhe cai bem (este fato deve cair-lhe bem) e aproximar-se dele o bastante, então vibra nele o ressonador, e ele, o cientista, agita, é um escritor ou um poeta, ao conseguir traduzir em palavras e imagens tal ressonância. Não o domínio de uma nova ou antiga forma, mas a intimidade com a realidade produz o bom e melhor escritor, portanto o ressonador de uma determinada realidade. (DÖBLIN, 2006, p. 30)

De fato, Döblin crê que um romance só é passível de tal denominação na medida em que é histórico, ou seja, quando é capaz de fornecer aspectos das realidades humanas passadas à posteridade. Proust parece ter compartilhado desta crença, e pretendeu não apenas fornecer aspectos da *Belle Époque* parisiense às gerações futuras, mas inclusive cristalizar e impor uma representação da época com pretensões de grande aceitação e legitimidade. E se seu realismo foi alicerçado de maneira tão profunda nas dimensões temporais da realidade externa e do indivíduo, isso de alguma maneira indica como busquei mostrar aqui com outros indícios que este era um aspecto compartilhado por muitos contemporâneos. De diversas formas, o realismo literário da *Recherche*, em alguma medida em sintonia com seus contemporâneos, contribuiu muito para a ampla difusão e sucesso que a obra alcançou desde seu aparecimento original na França nas décadas de 1910 e 1920.

REFERÊNCIAS

- AUERBACH, E. *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOOTH, W. *A retórica da ficção*. Tradução de Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Arcádia, 1980.
- BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 2005.
- BRADBURY, M. **O mundo moderno. Dez grandes escritores**. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CHAZEL, P. Quelques romanciers de la solitude. Estaunié – Proust – Mauriac. **Foi et vie**, Paris, primeiro de agosto de 1925, p. 793-801.
- COMPAGNON, A. La Recherche du Temps Perdu de Marcel Proust. In. NORA, P. (Dir.) **Les Lieux de mémoire. Tome III: Les France. 2. Traditions**. Paris: Gallimard, 1992, pp. 927-967.
- DANIEL-ROPS, H. Notes su le réalisme de Proust. In. *Hommage à Marcel Proust. Le Rouge et le Noir*, Paris, abril de 1928.
- DANIEL-ROPS, H. **Notre Inquietude. Essais. Louange de Pinquiétude. Sur une génération nouvelle. Positions devant l'inquiétude**. Paris: Perrin, 1927.
- DÖBLIN, A. O romance histórico e nós. **História, questões e debates**. Curitiba, n. 44, ano 23, 2006.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- HAIDUKE, P. R. A. O artista moderno: entre intelectual engajado e novo medidor da transcendência. **Diálogos**. Maringá, v. 18, n. 2, p. 735-767, 2014a.
- HAIDUKE, P. R. A. Como Proust foi moderno: entre debates literários e conflitos culturais. **História da Historiografia**. Ouro Preto, v. 7, n. 16, p. 90-106, 2014b.
- JALOUX, E. **L'Esprit des Livres (premiere série)**. Paris: Plon, 1923.
- LAGET, A. **Le roman d'une vocation: Marcel Proust**. Marseille/Paris: Les Cahiers du sud Marseille, 1925.
- LALOU, R. **Histoire de la Littérature Française Contemporaine (1870 à nous jours)**. Paris: Les Éditions G. CRÉS, 1925.
- LE RIDER, J. **A modernidade vienense e as crises de identidade**. Tradução de Elena Gaidano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- LYON-CAEN, J. e RIBARD, D. **L'historien et la littérature**. Paris: La Découverte, 2010.

- NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- NORONHA, M. P. Composição: entre o conceito das sensações para o pensamento de matrizes na história da literatura e arte modernas. In. **História, questões e debates**. Curitiba, n. 44, ano 23, 2006, p. 49-68.
- PELTIER, R. A la recherche du temps perdu. L'Esthétique de M. Marcel Proust. La métaphysique du temps, Einstein et Bergson. In. **Divertissements. Le Carnet Critique**, Paris, setembro de 1922, p. 249.
- PROUST, M. **À la recherche du temps perdu. Tome I: Du côté de chez Swann**. Paris: Bernard Grasset, 1914.
- PROUST, M. **À la recherche du temps perdu. Tome II: À l'ombre des jeunes filles en fleurs**. Paris: Nouvelle Revue Française, 1918.
- PROUST, M. **À la recherche du temps perdu. Tome III: Le côté de Guermantes I**. Paris: Nouvelle Revue Française, 1920.
- PROUST, M. **À la recherche du temps perdu. Tome IV: Le côté de Guermantes II. Sodome et Gomorrhe I**. Paris: Nouvelle Revue Française, 1921.
- PROUST, M. **À la recherche du temps perdu. Tome V: Sodome et Gomorrhe II**. Paris: Nouvelle Revue Française, 1922.
- PROUST, M. **À la recherche du temps perdu. Tome VI: La Prisonnière (Sodome et Gomorrhe III)**. Paris: Nouvelle Revue Française, 1923.
- PROUST, M. **À la recherche du temps perdu. Tome VII: Albertine disparue**. Paris: Nouvelle Revue Française, 1925.
- PROUST, M. **À la recherche du temps perdu. Tome VIII: Le temps retrouvé**. Paris: Nouvelle Revue Française, 1927.
- PROUST, M. **No caminho de Swann**. Tradução: Mario Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- PROUST, M. **À sombra das raparigas em flor**. Tradução: Mario Quintana. 10. ed. São Paulo: Globo, 1990.
- PROUST, M. **O caminho de Guermantes**. Tradução: Mario Quintana. 3. ed. São Paulo: Globo, 2007.
- PROUST, M. **Sodoma e Gomorra**. Tradução: Mario Quintana. 3. ed. São Paulo: Globo, 2008.
- PROUST, M. **A prisioneira**. Tradução: Lourdes Sousa de Alencar e Manuel Bandeira. Porto Alegre: Globo, 1954.
- PROUST, M. **A fugitiva**. Tradução: Carlos Drummond de Andrade. Porto Alegre: Globo, 1956.
- PROUST, M. **O tempo redescoberto**. Tradução: Lúcia Miguel Pereira. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1981.
- RAGEOT, G. Du Coté de chez Proust. In. **Littérature. Les grandes heures du Théâtre, de la Poésie et de la Chanson. Conferencia. Journal de l'Université des Annales**, Paris, 20 de setembro de 1927, p. 336-349.

- RIVIÈRE, J. Quelques progrès dans l'étude du cœur humain (Freud et Proust). **Les Cahiers d'Occident**. Paris: Librairie de France, 1926. (edição e publicação de conferências ministradas por Jacques Rivière sobretudo em janeiro de 1924).
- SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, O. G. (Org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 13-28.
- TADIÉ, J.-Y. **Le roman au XX^e siècle**. Paris: Belfond, 1990.
- VETTARD, C. Correspondance I. Proust et Einstein. **Nouvelle Revue Française**, Paris, agosto de 1922, p. 246-252.
- WATT, I. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- WEBER, E. **França fin-de-siècle**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- WILSON, E. **O Castelo de Axel. Estudos sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930. (simbolismo, Yeats, Valéry, Eliot, Proust, Joyce, Stein, L'Isle-Adam, Rimbaud)**. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1993.